

SOBRE ANA ELISA EGREJA

JACOPO C. VISCONTI

O deslocamento entre fundo e primeiro plano caracteriza todos os trabalhos de Ana Elisa Egreja, a sobreposição de se sempre pelo jogo de contraste, a busca de enigmas, a insistência no elemento decorativo. Ana Elisa vem reproduzindo em suas pinturas contêdo, estímulos e, mais recentemente, assuntos, dentro de um fundo branco que dilata as figuras de animais que dominam a composição.

Se em alguns casos, como na obra *Flamingos*, a beleza do quadro é óbvias e transparentes, sem nenhum indício de ambigüidade, em pinturas mais recentes a artista voltou por cenas de violência contida, em que cães seguram na boca bíblicas brancas. O contraste entre a pele bruta e o fundo branco, apesar de contido, é emendado pela forma homogênea da pincelada, que parece combater a teoria de que animais de motivos, o decorativo e aparentemente superficial, e o obscuro (mesmo não) não devem de ser, como dizem alguns, meios práticos para pintar. Quase paraplacamente, a qualidade da pintura de Ana Elisa emerge com uma evidência extraordinária numa série de trabalhos pequenos, pintados a óleo sobre papel de formato de um cartão postal, na série *memos*, em que os mesmos cães que aparecem nos temas afluam com uma presença e uma força deslumbrantes. São exatamente as dimensões diminutas do objeto que permitem (assumo, quase ao estado puro), a força de pincelada de Ana Elisa, a vida pulsante do racionário aprisionada nas cores, sua respiração elegante que parece condensar as suas manchas, tiradas do óleo, ao mesmo a papel para além dos limites da cor.

Extrato do texto de apresentação da mostra *Neuventa* (2014), na galeria Lucia Marini.

FERNANDO OLIVA

[...] A sua biblioteca original de imagens é outro sintoma importante desta liberdade de postura, caracterizada pelo tráfego entre lugares distintos, sem preocupação excessiva com gêneros, suportes, meios e principalmente com o pesado cânone do historicismo da arte. Ana toma conhecimento de boa parte de seus modelos na Internet. Falando com o comum e o banal da imagem, seus patos, porcos e gatos são encontrados em pesquisas online no Google, ao buscar por "dead peacocks" ou "hunter dog".

É fundamental entender que este procedimento, mais que uma simples escolha aleatória, vem carregado de sentidos e se coloca na base de sua ética como artista. Ana sabe que não é necessário criar padrões no quintal para poder pintá-los. A fotografia já é a coisa, dita ele.

Egreja faz parte de um (extinto) grupo chamado 2000 e R, jovens artistas de São Paulo que utilizam a pintura como meio privilegiado. Uma de suas posições mais cristalinas e particulares é justamente a liberdade que assumem em relação aos suportes. Estão trabalhando a partir de pintura neste momento, porém não desejam fazer nenhum pacto de sangue nem se colocar em dívida com qualquer grupo ou segmento.

A fonte para as padronagens de Ana pode vir tanto de uma foto de um vestido na vitrine da Prada, como de recortes de revistas de moda ou retalhos comprados na Rua 25 de Março, região de comércio popular no centro de São Paulo.

Ou seja, tanto a natureza morta como os padrões de base são aprisionados não em uma chave heraldica, de conteúdo ou de escolha política, mas como uma fermentação. Algo que a permite acessar outros lugares do universo da representação, sem necessariamente ter de prestar homenagem a esta ou aquela técnica, seja o desenho, a pintura ou o vídeo. Contudo, pode ser um exercício interessante refletir sobre o modo como Bill Viola e Julian Opie prestaram seus tributos ao gênero "natureza-morta sobre tela", bem como Adel Abdessemed e seus arabescos – artistas contemporâneos que, assim como Ana Elisa Egreja, posicionam suas obras estrategicamente na posição de um comentário sobre a arte e seu sistema, portanto mais eficaz e contundente que qualquer postura sectária ou provinciana em relação à arte e seus caminhos atuais.

Extrato do texto de Fernando Oliva, curador e gerente do projeto do Papel das Artes.